

NOTAS PARA UMA COMPREENSÃO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Ricardo de F. Lucena
Centro de Memória do Esporte/DEF/ UFPE
PPGE/UFPE

Pensar o esporte no ambiente urbano leva-nos a desafios que merecem olhares mais delimitados. Um aspecto que surgiu é tentar enxergar como o esporte, no espaço escolar, se chegou à educação física (ginástica), ou vice-versa. Ou melhor, a partir de que período podemos enxergar a presença do esporte no ambiente escolar? E sob que propósito podemos pensar a prática do esporte e da educação física na escola? Sobre esses problemas, vamos apresentar aqui algumas proposições iniciais, que seguem uma linha de raciocínio que busca edificar meios de explicar a introdução do esporte e da educação física em nossa sociedade.

O termo esporte, como será aqui tratado, se refere a um leque de ações, surgidas inicialmente na Inglaterra, com caráter mimético e com grau de regulamentação relativamente alto, que acompanha um processo de individualização e controle das emoções, fruto da divisão de funções características de sociedades com um certo nível de desenvolvimento social, que, no Brasil, se faz perceber especialmente a partir da segunda metade do século XIX. Por outro lado, a ginástica compreende os sistemas de atividades físicas, baseados na fisiologia e na anatomia, aplicados no Brasil a partir de métodos surgidos na França, Alemanha ou Suécia. Um pressuposto que vale ser anotado já aqui, e que vai funcionar como uma alavanca para o pensamento que pretendemos desenvolver, é que os mesmos elementos que moldam o gosto pela prática esportiva e que surgem no contexto social específico da segunda metade do século XIX e início do século XX no Brasil vão dar também os subsídios para a argumentação pró-ginástica no contexto escolar entre nós. Esses elementos estão baseados num processo crescente de

diferenciação individual, uma necessidade de refinamento das ações especialmente quando em público, e uma autocensura mais abrangente.

Além do mais, tratar do esporte na sua inter-relação com a educação física e no contexto das relações sociais contemporâneas requer destacar dois sentidos complementares. Sobre um já e falou anteriormente: é quando pensamos no esporte na sua forma profissional ou de elite e, nesse caso, destinado não só ao praticante, mas também a um público assistente cada vez maior. O segundo sentido diz respeito à questão recreativa ou de lazer, onde o esporte se destaca dentre um lastro de outras atividades com caráter de lazer e podemos acrescentar também, pedagógico.

O sentido que damos ao termo esporte remete aos jogos de competição, em particular os que se originam na Inglaterra e que passaram posteriormente para outras sociedades. Portanto, o esporte é aqui considerado como uma ação figuracional que, além de permitir pensar a participação do indivíduo em direção a uma crescente competitividade, seriedade e busca de resultados, também se apresenta como uma resposta não-planejada a um novo equilíbrio entre prazer e restrição e uma forma de desfrutar emoções, de prazer pessoal coerente com as formas de vida nas sociedades-Estados dos dias atuais.

Nosso propósito é tentar estabelecer uma linha de abordagem que permita construir mais um caminho de compreensão acerca do desenvolvimento dos esportes no Brasil. Escolhemos como caminho a percorrer as primeiras ações esportivas no âmbito da escola, considerando que, ainda no século XIX, de acordo com alguns estudos, a prática do esporte – e em especial o futebol – já tinha no pátio da escola um espaço garantido. É certo que estamos tratando do esporte no seu sentido lato, como exercícios corporais competitivos de forma razoavelmente bem reguladas, que conservam tensões miméticas características, e não um sentido mais restrito que parte da seleção de valores e a especialização dos gestos como uma condição necessária para a prática.

Queremos argumentar que é possível abrir um campo de exploração sobre o desenvolvimento dos esportes no Brasil, considerando sua prática na escola ainda no século XIX . Com isso, poderemos entender melhor o desenvolvimento do esporte e da ginástica (educação física) na escola ao longo do século XX. Nosso argumento é que a racionalização das práticas corporais vai permitir uma melhor distinção entre esporte e ginástica, no âmbito da escola (lembramos que a educação nesse período estava mais sob os auspícios da Igreja do que do Estado), o que só acontece no período em que os escolanovistas logram algum êxito e vão estabelecer uma distinção formal entre as práticas esportivas e as ginásticas. É o que se dá, por exemplo, em Fernando de Azevedo, com a chamada “ginástica pedagógica”, num momento da educação dos meninos, e do esporte, em outro, dando à escola, doravante, um sentido diferenciado no desenvolvimento das práticas esportivas. Isso fica evidente em Fernando de Azevedo quando ele afirma que:

...a educação física compreende a ginástica e o esporte, e que este é feito de emotividade, como aquela, de análise e raciocínio. Esta deve anteceder aquele, e o esporte, por isso, não pode propriamente fazer parte de um programa escolar, nem se praticar, sem que a ginástica educativa tenha preparado o organismo a essa cultura física intensiva, porque a ginástica está para o esporte como as gamas para a música e a gramática para a literatura” (AZEVEDOo, 1960, p. 76. Apud. FERREIRA NETO, Amarílio. A pedagogia no exército e na escola: a educação física brasileira (1880-1950). Aracruz, ES: FACHA, 1999.)

Reparem que a palavra “emotividade” tem aqui um caráter, no mínimo suspeito, a ação carregada de “emoção” que anima o esporte deve ser posto - quando se trata de educar – num período de vida em que ela (a emoção) já possa ser filtrada e, portanto, controlada. A ginástica era, assim, o primeiro controle do gesto que teria seu prosseguimento num controle mais suave – porque já dominado – proporcionado pelo esporte . Ginástica e esporte não são, assim, a mesma coisa, embora sirvam a propósitos muito semelhantes. Além disso, o uso do termo Educação Física pode ser visto como um indicador de um novo arcabouço conceitual que quer dar conta de variadas formas de

intervenção corporal. Trata-se de um fato novo, por certo, num sistema educacional que via com desconfiança o exercício físico. Ainda aqui, Fernando de Azevedo nos apresenta a educação física a partir de um leque conceitual diferenciado. Para ele:

...A educação física - parte integrante de um sistema de educação pública - não somente se destina, pelo seu papel assimilador, a reunir numa corrente comum de idéias, práticas e aspirações as camadas sucessivas de jovens, como também (e essa é a sua função específica) se propõe a atuar sobre os indivíduos, para desenvolver e apurar, dentro dos limites do equipamento hereditário de cada um, as suas capacidades físicas e aptidões naturais (AZEVEDO, F. de Da Educação Física, Rio de Janeiro, Melhoramentos, 1960, p. 281).

Acreditamos que é possível perceber que a história do esporte entre nós pode ser enriquecida se considerarmos que a relação com a ginástica, para os nossos primeiros praticantes, não foi de simples oposição, mas daquilo que podemos chamar de uma “dualidade relacional”. É que, à medida que crescia como prática socialmente aceita por meio das ações de grupos como os literatos, o esporte também se achegava à escola, ao menos aquelas onde estavam os filhos das famílias ilustres.

Por intermédio de literatos como José de Alencar, Coelho Neto e Olavo Bilac, os primeiros divertimentos esportivos mereceram um destaque ímpar. Por meio de suas crônicas, vão desvelando a complexa teia de inter-relações humanas que marca a vida de contatos na cidade.

O esporte teve na instituição escolar, pelo que é possível perceber, mais um espaço de disseminação e desenvolvimento. Diferentemente do que em geral nos é dito, o esporte já se fazia presente nas escolas, mas não numa simples diferenciação com a ginástica, e sim naquilo que chamamos aqui de uma dualidade relacional, sendo ambos parte do mesmo princípio que animava a ação daqueles que dirigiam e freqüentavam a escola ainda no século XIX. O que queremos sugerir é que a distinção se processa no caminho da racionalização acerca de práticas corporais realizadas no âmbito da escola, já bem iniciado o século XX. Sendo assim, o que importa considerar é que o esporte e a

ginástica/educação física são expressões da mesma realidade complexa. São ações complementares que apontam para um mesmo processo de inter-relação. Nesse sentido, o esporte não pode ser explicado por si mesmo, mas apenas em relação com o conjunto das atividades sociais, inclusive a ginástica. E, se considerarmos o contexto da escola, isso fica marcante.

Quando tratamos do processo de inter-relação, partimos do princípio de que, na sociedade do século XIX, as ações que se manifestam na forma de exercícios ginásticos ou jogos esportivos são parte da constituição de um estilo de vida urbano que muito caracteriza o modo de ser e a conduta dos indivíduos. Carmen Lúcia Soares (SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da Educação no Corpo*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002), no seu trabalho “Imagens da Educação no Corpo”, faz uma análise da ginástica francesa no século XIX e aponta como um dos aspectos mais centrais da ginástica na relação com a educação a criação de *“normas de conduta que fossem individualmente internalizadas para serem socialmente mais eficazes”* (p. 37). *Essa introjeção, que vem se transformar numa segunda natureza, é o contraponto que marca o processo de inter-relação crescente dos centros urbanos. Um aspecto que complementa o que vimos tratando é o que Jaques Defrance* (DEFRANCE, J. *O gosto pela violência*. In: GARRIGOU, A e LACROIX, B. (orgs.) *Norbert Elias: a política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2001), *num artigo intitulado “O gosto pela violência”, vai apontar quando afirma que:*

ao longo do século XIX, uma técnica de treinamento físico como a ginástica se propõe aumentar a força e a capacidade de violência do corpo dos ginastas; e, simultaneamente, o programa de atividades dos homens que se exercitam está limitado permanentemente em sua intensidade, em sua amplitude, assim como a rivalidade competitiva é freada sem cessar. Em suma, a cultura das aptidões para a violência é organizada ao ser reprimida (Jaques Defrance, P. 232).

Reparem que esse argumento passa, necessariamente, pelo controle de um dos aspectos mais marcantes de nossa sociedade: a violência. Ou melhor, ela é canalizada, controlada em ações apoiadas em técnicas manifestadas em forma de práticas corporais que dirigem a violência a partir de um campo de normas que a mantém “disciplinada”. Esse campo, entre nós, tem seu exercício mais aceito nas práticas esportivas.

Mas vale a pena ainda anotar a íntima relação entre as práticas esportivas e a ginástica, mesmo para aqueles teóricos franceses que muito influenciaram o contexto brasileiro. Carmen Lúcia Soares anota ainda que, “*nas duas últimas décadas do século[XIX], há um forte movimento na sociedade francesa que vai lentamente fazendo aparecer inúmeras organizações de ginástica e esportes*”(p. 132). E aí, citando Rey Golliet (1930), vai apontar três grandes diretrizes para a ginástica na França:

...1) *A ginástica educativa deveria ser regida de acordo com sua utilidade profissional;*

2) *A ginástica de aplicação deveria ser constituída por exercícios militares utilitários e desportivos, baseados sobre o princípio da economia de forças;*

3) *A ginástica de seleção deveria compreender exercícios especiais nos aparelhos e desportos, exigindo aptidões especiais e, por isso, só deveria convir a uma elite. (p. 174)*

Observem que a relação com o esporte aparece explicitamente na forma de aplicação e seleção, que, tanto num como noutro caso, é pensada a partir do princípio da ação comedida e baseada em determinadas atitudes. Vejam, também, que ambos só *poderiam convir a uma elite*, pelas suas características e pelos resultados esperados, pois careciam de *aptidões especiais*.

Mas pensemos mais detidamente no esporte. Afora toda uma teia de ações que se estabelecia na sociedade brasileira ainda no século XIX, e que fundamentou o desenvolvimento do esporte na cidade tratando de sua difusão no ambiente urbano como forma de acelerar as relações entre grupos distintos, há também de se considerar o espaço das escolas como um espaço de contato e exercício da prática esportiva que ajudou a consolidar o movimento de difusão do gosto pelo esporte, num primeiro

momento, entre indivíduos do sexo masculino. Ou seja, a criação do gosto pelos esportes também fazia parte de uma perspectiva de educação já presente no século XIX. Nesse sentido, a própria legislação nos traz alguns exemplos. O Decreto n. 10.202 de maio de 1889, inclui no currículo do Imperial Colégio Militar a ginástica, a natação, a equitação, o tiro ao alvo e a esgrima (LEX, 1889, p. 251).

É certo que estamos considerando todo o processo, de uma maneira geral, como uma forma de manter os indivíduos dentro de limite de conduta socialmente aceita. Se aqui aceitamos que o que se controla em última instância é o gesto, o ímpeto motor visível dirigido ao outro, o esporte aparece como “ímpeto” aprovado socialmente porque controlado. Num sentido lato, a educação constitui um produto reticular formado numa interação contínua de relacionamentos com outras pessoas. Afinal, *nenhuma sociedade pode sobreviver sem canalizar as pulsões e emoções do indivíduo, sem um controle muito específico de seu comportamento* (ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1993, p. 270).

Santos Neto (SANTOS NETO, José M. dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002), ao tratar dos primórdios do futebol no Brasil, vai afirmar que *foi pela ação dos colégios, em geral os religiosos, que o futebol entrou pela primeira vez no Brasil* (p. 25). Ou seja, nem só Charles Miller ou Oscar Cox, nem só os marinheiros ingleses, mas os padres jesuítas também contribuíram para a difusão dos esportes, e em particular o futebol, nos seus colégios. Os alunos aí formados ajudaram a difundir a prática por várias regiões e Estados do Brasil. Um exemplo disso foi o colégio jesuíta São Luís, fundado em 1861, na cidade de Itu / SP. Lá, por volta de 1880, após uma reforma no currículo, foi introduzido um conjunto de práticas esportivas, com destaque para o futebol, mas tendo também outras modalidades incorporadas, como: ginástica alemã, corridas, saltos em altura e distância, lançamento de disco e dardo, corridas com obstáculos e barra francesa (p. 19).

Também no colégio de Petrópolis, dos Vicentinos, e no Ginásio Nacional, no ano de 1895, já se praticava o futebol. No Ginásio Nacional, por exemplo, o regulamento aprovado pelo Decreto n. 3914, de 26 de janeiro de 1901, permitia como jogos escolares o *foot-ball*, a prática do *cricket*, corridas, saltos e outros (BRASIL. Atos do Poder Executivo. Decreto n. 3914, de 26 de janeiro de 1901, p. 182).

Pelo exposto, vai ficando cada vez mais relacionada com o esporte aquela prática que muitos de nós aprendemos a ouvir chamar de ginástica. Ou seja, acreditamos que em muitos casos, quando nossos instrutores falavam sobre a ginástica, reportavam-se a ações referentes às práticas esportivas. Afrânio Peixoto, diretor da Escola Nacional e diretor da Instrução Pública, no Rio de Janeiro, ao proferir palestra sobre “A educação física, intelectual e cívica e a defesa nacional” (PEIXOTO, Afrânio. *Ensinar a Ensinar: ensaios de pedagogia aplicada à Educação Nacional*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923.), em 1917, nos chama a atenção sobre essa não-distinção entre ações relacionadas ao esporte e à ginástica. Numa passagem, observando a reclamação dos pais de alunos contra as aulas de educação física, que, segundo ele, protestaram *porque botaram os filhos na escola para aprender e não para serem acrobatas...*(p.16), vai contra-argumentar fazendo a seguinte ponderação: *Permiti-me que vos conte uma impressão pessoal sobre a qual tenho gosto de insistir. Que pensais do jogo de foot-ball? Eu vos asseguro que ele está reformando, senão refazendo, o caráter do Brasil* (p.17). Ao tentar defender a ginástica diante da desconfiança dos pais, o que faz é narrar todo tempo sua primeira visita a um campo de futebol para apreciar um jogo entre jogadores brasileiros e ingleses. Era assim que dizia: *Lembra-me sempre a primeira vez que fui aqui a um campo de jogo. Povo garrido e entusiasta, a rebentar as arquibancadas para assistir a um match de patricios, desafiados por equipe forasteira, que atravessara os mares para se medir conosco*. Ou seja, o que faz é defender o esporte.

Ainda interessa observar que a ginástica, assim como algumas práticas como a esgrima, a natação e o próprio futebol, segundo Delson Renault, já na década de 1880 aparecia nos colégios da Corte, como o Alberto Brandão. Isso deixa evidente que, longe de ser um ato de grupos sociais que estavam afastados do processo de civilização, a esportivização de algumas ações era mesmo uma obra daqueles que queriam orientar o processo. Por isso, a escola não poderia ficar de fora.

Mas, para concluir, voltemos ao ponto de partida. A porta de entrada da escola nos permite ver uma trilha a mais na explicação acerca da implantação dos esportes entre nós. O dueto com a ginástica, mostra e anuncia uma busca constante por uma forma de “antídoto” à crescente “rotinização” produzida pela racionalização da vida. No nosso entendimento, o esporte foge dessa rotina como um transbordamento temporário e provisório de sensações agradáveis, ou melhor, específicas. O que o distingue de outras ações é que ele anuncia um outro patamar na relação intra e intergrupos, também num sentido de um autocontrole mais bem definido. O crescente gosto pelos esportes, que desponta primeiramente nos grupos de elite e depois se expande para outros segmentos, demonstra o sentido desse processo. Isso não significa dizer que daí estão alijadas as relações de poder e violência. Ao contrário, talvez nos permita mesmo afirmar, como Jaques Defrance, que, *“quando o processo de civilização está adiantado [ou se adiantando], a violência também pode ser voltada contra si mesma, sob a forma de coerção autoministrada, disciplina, sacrifício, exposição ao risco. Um bom exemplo é dado pelo esporte de alta competição”* (, p. 239).